



Correspondência à Entrevistada

Luciane Stallivieri
 E-mail: luciane.stallivieri@ufsc.br
 Universidade Federal de Santa Catarina
 CV Lattes
<http://lattes.cnpq.br/4520815337729145>

Correspondência às Entrevistadoras

Egeslaine Nez
 E-mail: e.denez@yahoo.com.br
 Universidade Federal de Mato Grosso
 CV Lattes
<http://lattes.cnpq.br/6197279063733225>

Franciane Maria Araldi
 E-mail: franciane.M.araldi@hotmail.com
 Universidade do Estado de Santa Catarina
 CV Lattes
<http://lattes.cnpq.br/1840844273417830>

Submetido: 26 nov. 2023
 Aceito: 29 nov. 2023
 Publicado: 07 dez. 2023

[doi: 10.20396/riesup.v11i00.8675092](https://doi.org/10.20396/riesup.v11i00.8675092)
 e-location: e025028
 ISSN 2446-9424

Checagem Antiplágio



Distribuído sobre



Entrevista: Luciane Stallivieri fala sobre a
 Internacionalização na Educação Superior

Interview: Luciane Stallivieri talks about
 Internationalization in Higher Education

Entrevista: Luciane Stallivieri habla sobre
 Internacionalización en la Educación Superior



Luciane Stallivieri (Entrevistada)

<https://orcid.org/0000-0002-2104-8607>

Egeslaine Nez (Entrevistadora)

<https://orcid.org/0000-0002-0316-0080>

Franciane Maria Araldi (Entrevistadora)

<https://orcid.org/0000-0003-0526-127X>

Entrevistadoras (Egeslaine de Nez e Franciane Maria Araldi) apresentam a entrevistada (Luciane Stallivieri):

A Professora Doutora Luciane Stallivieri formou-se em Línguas Estrangeiras pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). É especialista em Gestão Universitária pela Organização Universitária Interamericana (OUI), do Canadá. Possui Mestrado em Cooperação Internacional pela Universidade São Marcos e Doutorado em Línguas Modernas pela Universidad del Salvador (USal). Realizou seu estágio de pós-doutoramento em Internacionalização e Gestão do Conhecimento na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Obteve bolsa do Programa Santander W30 na Anderson School of Management da Universidade da Califórnia, Los Angeles, nos Estados Unidos e atuou como professora visitante no Programa Intercultural American Field Service (AFS), em Chicago, nos Estados Unidos.

Luciane exerceu o cargo de Secretária Executiva da Presidência da Associação das Universidades de Língua Portuguesa (AULP). Foi Secretária Executiva da Organização Universitária Interamericana - Região Brasil. Foi Coordenadora do Instituto Universitário de Gestão e Liderança - Centro IGLU também no Brasil. Atuou como membro do Grupo Consultivo de Cooperação Internacional da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e membro da Comissão de Internacionalização do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras (CRUB).

Desenvolveu e coordenou mais de uma centena de parcerias de cooperação internacional com Instituições de Educação Superior (IES) de todo o mundo, quando trabalhou como Diretora Internacional Sênior na UCS. Foi Presidenta da Associação Brasileira de Educação Internacional (FAUBAI) e integrou a comissão avaliadora do Programa PEC-G e PEC-PG do Ministério das Relações Internacionais (MRE/Itamaraty) no Brasil.

Atualmente é professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Administração Universitária (PPGAU) da UFSC, onde leciona a disciplina intitulada: Internacionalização do Ensino Superior e Gestão da Cooperação Internacional. É pesquisadora do Instituto de Estudos e Pesquisas em Administração Universitária (INPEAU) na mesma IES. Consultora da GlobalEd Colômbia – Plataforma para a Internacionalização do Ensino Superior na Colômbia, patrocinada pelo Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (DAAD), Alemanha. Também é membro do Comitê Editorial do Centro de Internacionalização do Ensino Superior - Brasil-Austrália (CIEBRAUS) e membro do Comitê Consultivo Internacional da Associação para Internacionalização Institucional USMEXFUSION, com sede no México, que apoia instituições de ensino superior na internacionalização e na formação de cidadãos globais.

Além disso, é revisora de mais de vinte periódicos nacionais e internacionais e membro de conselhos editoriais. Atuou como consultora de Educação Superior no Ministério da

Educação (MEC), para a Associação Brasileira de Mantenedoras do Ensino Superior Privado (ABMES), para o Consórcio U-Experience e para diversas instituições de ensino superior, auxiliando nos processos de internacionalização. Atualmente é cofundadora da consultoria denominada Internationalization Hub (IHub).

Entrevistadoras:

Profa. Luciane conte-nos sobre sua trajetória como professora.

Entrevistada:

Eu sou natural de Caxias do Sul e, em 1989, comecei a minha carreira como professora na Educação Superior, trabalhando com o ensino de Língua Inglesa para o curso de Tecnólogo em Hotelaria e logo na sequência para o curso de Bacharel em Turismo. Também atuei no Curso de Secretário Executivo, sempre vinculada com o ensino da Língua Inglesa. Antes de ingressar na Educação Superior eu fiz o curso de graduação em Letras. Realizei duas especializações, uma em Administração Universitária e outra em Metodologia do Ensino de 1º e 2º Graus em Língua Inglesa e fiz um trabalho voltado para o desenvolvimento da Língua Inglesa no curso de Secretário Executivo.

Partindo do meu desejo e interesse pelas Línguas, obviamente, foi surgindo também o interesse pelo intercâmbio internacional. Reconduzi a minha trajetória formativa, fiz Letras, Letras Português-Inglês, fiz uma especialização, exatamente com o foco voltado para o ensino de línguas estrangeiras. Neste meio tempo, ainda como estudante de Letras, iniciei minha trajetória profissional como professora no Yázigi, que era a grande rede de escolas de língua inglesa do Brasil. Eu me desliguei da escola Yázigi e, à convite da Universidade de Caxias do Sul (UCS) assumi as disciplinas de Língua Inglesa nos cursos de Hotelaria e Turismo. Na ocasião, eram 4 semestres de Língua Inglesa, portanto, uma carga horária bem importante e atuava com o Inglês para propósitos específicos (English for Specific Purposes – ESP). Utilizava-se toda uma linguagem específica para o atendimento aos hóspedes, área de alimentos e bebidas, enfim, era um trabalho muito bacana.

Como professora da área de línguas, tinha sempre aquela percepção de que o inglês que eu falava não era tão bom. O inglês bacana é de quem mora fora. Nesse sentido, eu coloquei isso como um dos grandes objetivos na minha vida. Eu queria não só entender a lógica da língua, da sua gramática, da sua redação, mas entender principalmente os hábitos culturais que vinham junto com aquela carga linguística e com isso eu perguntava para mim mesma: eu quero saber o que os ingleses pensam, como agem, o que comem, o que os ingleses fazem, como é o final de semana deles. Acabei canalizando como meta para a minha vida a realização de um intercâmbio internacional.

Entrevistadoras:**Na sua formação acadêmica, houve alguma experiência de internacionalização?****Entrevistada:**

Em 1991 eu fiz o meu primeiro intercâmbio. Fui para Londres! Nunca tinha saído do Brasil, eu nunca tinha andado de avião. Você imagina o impacto deste acontecimento na vida de uma jovem do interior. Atualmente, nós temos Internet, as informações estão na palma da mão. Em 1990 nós agendávamos uma ligação telefônica a cada 15 dias. A busca pela informação, o acesso à informação, o conhecimento sobre intercâmbios era muito raro. Eram poucas as pessoas que tinham realmente experiências internacionais para poder compartilhar, inclusive dizer como era a vivência e a preparação de um intercambista.

Nesse sentido, eu, obviamente, passei por todos os perrengues e todos os percalços de um intercambista. Realizei o meu primeiro intercâmbio em Londres, fiquei morando numa casa de ingleses que me receberam e me acolheram. O objetivo do primeiro curso foi o desenvolvimento e o aperfeiçoamento da língua inglesa. Após a conclusão deste primeiro curso, fiquei mais um período em Bournemouth, no sul da Inglaterra, e realizei um curso específico para professores de Língua Inglesa. Neste programa, nós trabalhávamos a parte metodológica, a parte pedagógica, a correção do erro, a correção da pronúncia e como tratar isso com os alunos. Mais uma vez, eu lembro, em 1991 o ensino de línguas também tinha toda uma outra metodologia, tinha outra abordagem de ensino de línguas. Mas, foi uma experiência maravilhosa.

Retorno da Inglaterra reassumo as minhas atividades na Universidade de Caxias do Sul como professora, ao mesmo tempo em que o Reitor da Universidade me convida para trabalhar no seu Gabinete. Esta é uma história muito interessante, porque na realidade, não havia uma definição clara de quais seriam as atividades que eu iria desenvolver no Gabinete do Reitor. Fiquei muito tempo, uns seis meses, como a “moça do cafezinho e do telefone”! Eu era uma profissional que circulava no Gabinete do Reitor, atendendo a uma série de demandas. Na ocasião, o Gabinete contava com a chefe de gabinete, uma secretária, uma recepcionista, e eu estava ali exatamente para desempenhar várias funções. Neste meio tempo aconteceu algo muito interessante. Diz o ditado: “Quem tem informação tem poder, né”? Como eu era a pessoa do Gabinete que conseguia fazer uma leitura mais aprofundada de toda e qualquer correspondência que vinha em línguas estrangeiras, ou seja, eu lia um pouco de Francês, de Espanhol e de Inglês, enfim me virava com várias línguas, comecei a perceber a disponibilização de informações sobre bolsas de estudos no Exterior.

A partir disso comecei a conversar com o pessoal da imprensa, da própria Universidade, pois tínhamos um boletim impresso que circulava por toda a Instituição. Comecei a colocar pequenas notinhas escritas, chamando a atenção para: ‘programa de cooperação universitária com a Espanha oferece bolsas de intercâmbio, graduação de 6 meses’. Isso tudo começou a gerar um volume de pessoas no Gabinete do Reitor, até que um dia o querido professor Pauletti, me chamou, e me comunicou: “Professora, nós vamos ter que tomar uma

atitude, pois a professora está recebendo mais gente do que eu, que sou Reitor”. Foi impressionante, pois houve um dia em que nós estamos com mais de 70 alunos do lado de fora do Gabinete do Reitor, todos eles vindo fazer a entrega dos seus documentos para concorrer a uma bolsa de intercâmbio com as universidades na Espanha. Foi o famoso programa PCI na época. Isso tudo, gerou uma movimentação, uma mobilidade de pessoas muito grande. Até que o Reitor diz: “Olha, é melhor que a professora saia deste espaço e vá ter a sua sala própria e comece a desenvolver um trabalho nessa área”, uma assessoria para questões internacionais da Reitoria.

Não contente com o meu intercâmbio para a Inglaterra, apenas lembrando, em 1991 fui para Londres, no finalzinho de 1992 eu fui morar nos Estados Unidos. Eu fui por meio do programa American Field Service, o famoso AFS, o qual tinha um foco muito grande no intercâmbio de estudantes de Ensino Médio, ou seja, a conclusão do Ensino Médio nos Estados Unidos. Só que na ocasião, foi a última edição do Visiting Teacher Programa (VTP). Era um programa específico para professores que gostariam de permanecer um período nos Estados Unidos, tendo toda a sua cobertura de gastos e em contrapartida atuaria como voluntário em uma escola americana. Eu fiquei na Crete-Monee Junior and High School, localizada em University Park, ao sul de Chicago. Atuei como professora voluntária. Nessa escola, eu trabalhava com todas as atividades relacionadas à América Latina, a Língua Portuguesa e um pouco da Língua Espanhola e tinha um foco principalmente nas questões interculturais. Durante todo o Programa fui acolhida por uma família americana, com quem mantenho contato até hoje, e tive a honra de ter um professor orientador, Mr. Vernon Young, que foram incansáveis em me auxiliar e me ensinar sobre a cultura norte-americana. E lá eu fiquei durante este período, aperfeiçoando meu conhecimento de línguas, aperfeiçoando o conhecimento da cultura americana e, obviamente, já despertando em mim uma paixão muito grande por essas questões todas.

Eu fiquei quase um ano, tanto na Inglaterra quanto nos Estados Unidos. Ao retornar para o Brasil, a primeira coisa que eu fiz foi perguntar ao Reitor se ele me aceitava novamente na Instituição, pois eu tive que solicitar afastamento não remunerado. No momento de retorno, o Reitor informou que iríamos criar um departamento, o qual se chamaria Assessoria para Assuntos Internacionais. Com isso, tive a minha primeira colega de trabalho, minha primeira secretária. Foi um momento que começamos a movimentar essas informações dentro da Instituição e isso começou a ter um impacto muito grande.

No ano de 1996, eu comecei a viajar pela Universidade de Caxias do Sul e a participar de encontros internacionais com a Reitoria. Comecei a ter uma rede de contatos muito importante e acesso a informações importantes. Destaco que o primeiro encontro que participei, foi o da Associação das Universidades de Língua Portuguesa (AULP) em Lisboa. Um tempo depois, o Reitor Pauletti assume a presidência mundial dessa Associação, a qual reúne até os dias de hoje 12 países de língua portuguesa, exatamente para trabalhar com a cooperação entre essas universidades, com a promoção da língua portuguesa, difusão da lusofonia, a cooperação entre universidades do Brasil, África e Portugal. Enfim, a cada ano

nós tínhamos uma reunião anual que me fez viajar o mundo todo, inclusive para China – Macau; para a África – Moçambique e Angola – e assim por diante. E, claro, você vai percebendo o potencial que a internacionalização tem, e, veja bem, na época, praticamente não se falava em internacionalização, falava-se muito em Educação Internacional, em Cooperação Internacional.

Entrevistadoras:

E sobre sua atuação na graduação e na pós-graduação?

Entrevistada:

Desde que eu fiz o meu primeiro intercâmbio, que foi como professora de Línguas para aperfeiçoamento do Inglês, logo na sequência, como professora de Línguas, para entender a metodologia do ensino da língua estrangeira, eu não parei mais de ter experiências internacionais na minha vida. Fui professora visitante, conferencista convidada, professora convidada, realizei o doutorado fora do Brasil, passei por todo o processo de revalidação de um diploma do exterior para ser doutora no meu país. (Porque você é doutora no mundo todo, menos no seu país!) Ou seja, tudo aquilo que a internacionalização oportuniza, eu praticamente fui sujeito dela e me sujeitei exatamente para conseguir entender as questões relacionadas com a prática profissional que eu desenvolvo. Como é que eu posso melhorá-la? Por que que eu fui procurar um doutorado no exterior, por exemplo, na Argentina, e não nos Estados Unidos, ou na Inglaterra, onde seria o grande berço da linguística? Por uma questão de oportunidade. Eu não podia parar de trabalhar. Eu não tinha bolsa de estudos. Isso é bastante interessante quando você analisa a trajetória, como é que ela vai se construindo e, muitas vezes, como é que a vida vai apresentando a trajetória para a gente.

Entrevistadoras:

Como iniciou suas investigações com a temática da internacionalização?

Entrevistada:

O termo internacionalização? Ele vem surgir bem depois! Há um documento marco ou um documento macro que eu sempre faço referência, que é o documento da UNESCO, da Conferência de Paris, realizada em 1998. São colocadas neste documento várias orientações, uma série de diretrizes que começam a apontar a Cooperação Internacional como prioritária. Ou seja, as Universidades têm que cooperar para poder progredir, tem que cooperar para poder competir com as melhores Universidades do mundo. Tudo estava sendo ancorado na questão da colaboração internacional. Portanto, assim, eu fui mais ou menos moldando o meu perfil de internacionalista.

O que ocorre no finalzinho dos anos 1990: de repente cai um folder no meu colo, um folder de um Mestrado em São Paulo sobre Cooperação Internacional. Neste momento, o meu olho brilhou. Conversei com o Reitor, se ele poderia me autorizar a participar deste programa e é claro que isso implicaria, naquele momento, me ausentar da Instituição nas sextas-feiras, porque as aulas do Mestrado aconteciam nas sextas-feiras, nos sábados e domingos. Iniciei o

meu Mestrado em São Paulo, sobre Cooperação Internacional. Algumas curiosidades: no momento que você entra num programa de Pós-Graduação, logo no início você já começa a identificar professores que podem lhe orientar, professores que podem conduzir o seu trabalho e obviamente que, como o tema da Cooperação Internacional Universitária praticamente não existia na época, eu tive muita dificuldade de encontrar um orientador(a) que tratasse do tema.

*Portanto, o processo do Mestrado foi uma trajetória quase que individual, na busca por informações. A professora que me orientou foi a Doutora Laima Mesgravis, pesquisadora da USP, uma professora fantástica em termos de metodologia, mas que não tinha a menor referência do tema. Ela foi fantástica porque sentamos duas ou três ocasiões em São Paulo e eu fiz toda a minha dissertação. Eu acabei realizando aquilo que hoje é conhecida como a “bíblia da internacionalização”, exatamente porque não existia nada antes disso, ou havia pouquíssimos livros tratando sobre o tema. Um deles é da professora Luciane Chermann, que inclusive eu cito no meu trabalho. Mas, enfim, a literatura no Brasil era muito frágil. Eu escrevo o livro *Estratégias de Internacionalização para as Universidades Brasileiras* e faço um estudo de caso de como é que a Universidade de Caxias do Sul estava se organizando nesse sentido.*

Destaco que, a escola da vida para mim funcionou muito, porque todas essas viagens, os programas internacionais que estavam surgindo, as redes de cooperação internacional, por exemplo: a Rede Tordesilhas, com países ibero-americanos Portugal, Brasil, Espanha, ou a Rede Latino-americana de Cooperação Universitária (RLCU) – para a qual fiz uma conferência para os dirigentes, reitores, na 35ª Assembleia, eles estavam em Cali, na Colômbia e eu realizei a conferência de abertura do Brasil – me oportunizaram grandes aprendizados.

Destaco que, antigamente nós não tínhamos Internet. O que oportunizava os encontros das redes eram exatamente essas missões internacionais, em que os reitores se encontravam, ou eventualmente, os assessores, ou os pró-reitores também participavam. A figura do gestor de Cooperação Internacional também não existia. O que acontecia, na maioria das universidades, era a designação de um professor para o cargo, uma vez que ele tinha desenvolvido o seu doutoramento no exterior, já tinha contatos, por exemplo, com a Alemanha, com a França, com a Inglaterra e, além disso, falava línguas estrangeiras. Com isso a cooperação ficava muito centrada na figura desta pessoa. Percebi que a internacionalização do Brasil tinha muito dessa vocação. Conforme as parcerias que o professor tinha, dele emanavam todas as demais. Ou seja, não se falava em planejamento estratégico para a internacionalização, muito menos no plano institucional de internacionalização. As coisas iam acontecendo dentro da sua fluidez, dentro da sua naturalidade, mas por meio de ações esporádicas, individuais e não coordenadas.

Obviamente, isso tudo começa a ter um certo direcionamento e eu me filio a FAUBAI que hoje vem ser a Associação Brasileira para Educação Internacional. Na época, era um fórum,

por isso que se chamava FAUBAI. Então, desde 1995 eu começo a participar da reunião anual de responsáveis pelos departamentos de internacionalização e aqui nós já identificávamos interesses comuns. Na ocasião, as instituições tinham assessorias, secretarias, vice-reitorias, pró-reitorias, escritórios, enfim, os nomes variados, mas ali foi, também, quando eu comecei a compilar os meus dados e, como eu disse anteriormente, aprendendo com a escola da vida a fazendo a minha formação.

Destaco que, eu fiz o Mestrado em São Paulo em Cooperação Internacional e trabalhei com um laboratório que eu tinha em mãos, que era a Assessoria Internacional da Universidade de Caxias do Sul. Ao mesmo tempo, a Universidade de Caxias do Sul assina um acordo de cooperação com a maior e mais tradicional Universidade da Argentina, que é a Universidad del Salvador (USal), uma universidade jesuíta, extremamente tradicional, muito conservadora, que tem todo lado de Humanidades muito forte. E nós, um grupo de 13 professores, da Universidade de Caxias do Sul, iniciamos o nosso doutoramento em Línguas Modernas. Cada um, dentro da área de Línguas Modernas, foi fazendo a trajetória da sua pesquisa, realizando a sua vertente de investigação para resolver o seu problema de pesquisa. E, mais uma vez, eu me vejo em um Programa que é bem descolado, ou seja, não tem alinhamento nenhum com a questão da internacionalização. Mas os meus orientadores entenderam e aceitaram que eu investigasse o tema. O meu orientador foi o Doutor Hector Valência, da Universidad Del Salvador e ao mesmo tempo o Doutor Jayme Paviani como coorientador em Caxias do Sul.

Nesse sentido, nós alinhamos a minha tese de doutorado, que também hoje é considerada uma das grandes publicações de referência no Brasil. A tese trata da internacionalização e do intercâmbio propositadamente, marcando que pensar na internacionalização de uma instituição não obrigatoriamente se limita ou se restringe à questão do intercâmbio. Isso tudo acabou gerando uma tese de doutorado em que eu investigo aproximadamente um grupo de 800 estudantes, os quais estavam indo e vindo dos seus intercâmbios internacionais. Diante disso, a minha grande pergunta de pesquisa era entender por que o intercâmbio da Franciane deu tão certo e o da Luciane deu tão errado. O que está por trás disso? O que define o êxito ou o fracasso na realização de uma experiência internacional? Estudei muito essa questão com o objetivo de poder ajudar os estudantes a aproveitarem os intercâmbios internacionais.

Concluí o meu doutoramento, fiz o meu pós-doutorado em Engenharia e Gestão do Conhecimento (EGC), na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), no ano de 2019 até 2021. Foi interessantíssimo, porque eu me aproximei de uma outra área, das engenharias, obviamente com olhar da gestão do conhecimento. Nesse sentido, tentando compreender de que maneira você transforma dados em informação, em conhecimento, em sabedoria e o próximo movimento que vem por causa da captura de dados, da mineração de dados, da inteligência artificial, que é a questão da intuição. Eu trouxe todos esses conhecimentos para a internacionalização. Destaco que eu comecei a escrever sobre o uso de ferramentas e técnicas da gestão do conhecimento para potencializar a

internacionalização ou para a tomada de decisões estratégicas baseada na gestão do conhecimento, visando o desenvolvimento da internacionalização.

Cada um desses tijolinhos foi compondo a minha experiência internacional. Para cada assinatura de Acordo Internacional, eu estava de mochila nas costas, correndo o mundo. Para cada encontro internacional, eu aproveitava para buscar e desenvolver novas parcerias, mas também as minhas competências e habilidades interculturais. Com isso, você acaba se tornando um embaixador, um estrategista, um negociador, um diplomata representando a sua instituição no exterior.

Entrevistadoras:

Você teve experiências na Educação Básica?

Entrevistada:

Um dos meus primeiros empregos foi na escola onde eu estudei, o qual era o colégio das Irmãs Carlistas, Colégio São Carlos, em Caxias do Sul. Eu fui selecionada porque a minha letra era muito bonita, ou seja, a minha caligrafia é muito perfeita. Nesse sentido, eu fui chamada para entrevista, então eu assumi as sétimas e oitavas séries do Colégio São Carlos e logo na sequência eu fui para a escola Yázigi. Eu trabalhava com crianças, com adolescentes, com jovens para o ensino de Língua Inglesa e a escola Yázigi obviamente já pressupõe que você entra e vai fazer um intercâmbio. Então, desde aquela época já estava lidando com os intercâmbios, não diretamente, mas desde sempre. Destaco que há mais de 35 anos eu lido com a Educação Internacional. Em 1989 eu entrei na docência da Educação Superior, trabalhando com línguas, abordando também a cultura, a intercultural e a comunicação e despertando meu interesse por esse aspecto da internacionalização.

Entrevistadoras:

Professora, quais grupos de pesquisa estás vinculada?

Entrevistada:

Adorei essa pergunta porque tenho novidades bem legais. Atualmente eu estou vinculada à UFSC, iniciei minhas atividades em 2014. Começo a minha atuação como professora convidada junto ao Programa de Pós-Graduação em Administração Universitária (PPGAU) e venho para iniciar os estudos na área de internacionalização.

Portanto, ofertei, pela primeira vez, uma disciplina chamada Internacionalização da Educação Superior e Gestão da Cooperação Internacional. Abordamos dois blocos na disciplina, pois a internacionalização pressupõe discutir políticas, discutir ideias, discutir conceitos, como também as bases epistemológicas da internacionalização. Quando falamos em Gestão da Cooperação Internacional temos o olhar mais estratégico, é o como se faz, o que as políticas estão pressupondo. Analisamos a gestão dos convênios, a gestão da mobilidade etc. Esta disciplina está sendo oferecida e nós trabalhamos durante um semestre. Temos como objetivo analisar o currículo, a internacionalização de currículo, a

internacionalização em casa. Para a mobilidade acadêmica, trazemos estudantes internacionais para a sala de aula como também brasileiros que foram para o exterior, para analisarmos os objetivos, as dificuldades, os impactos de uma vivência fora do seu país de origem. A disciplina vem sendo muito bem avaliada em decorrência disso.

Nesse sentido, destaco que sou professora convidada deste Programa e fiz meu Pós-Doutorado no Programa de Engenharia e Gestão do Conhecimento. Como resultado, criei uma plataforma que é chamada de Sistema de Gestão da Mobilidade Acadêmica Internacional (SIGMA). O objetivo é que a universidade ou qualquer dirigente possa acessar do seu computador/telefone uma série de painéis, com indicadores de internacionalização. Trago como exemplo, que muitas vezes eu fui pega de surpresa. Quando o Reitor me perguntava: “Professora, quantos alunos do curso de direito foram para a Universidade de Salamanca em 1998? [...]”. Ficava constrangida, pois certamente era impossível ter todas as informações na memória! O resultado da minha ideia era ter um instrumento responsivo que eu pudesse ter essas informações na hora. Nesse sentido, foi criada a plataforma SIGMA. Eu te conto isso, porque vai na sequência dos acontecimentos. Eu termino meu pós-doutoramento e eu sou convidada pelo professor Pedro Melo para ser pesquisadora do Instituto de Pesquisas em Administração Universitária, que é o INPEAU.

Atualmente eu sou professora do PPGAU e pesquisadora do INPEAU. No mês de março deste ano, depois da evolução de muita produção acadêmica, de estar orientando mestrandos e doutorandos de alguns Programas de Pós-graduação da UFSC, passo a coordenar da Linha de Pesquisa em Internacionalização da Educação Superior. Portanto, isso tudo acontecendo agora no ano de 2023.

E quanto a grupos de pesquisa? É claro que esta Linha de Pesquisa logo assume a forma de Grupo de Pesquisa que eu já coordeno. Um deles é o Grupo de Estudos e Pesquisas Avançadas em Internacionalização da Educação Superior (GEPAI). O GEPAI está credenciado no CNPQ e trabalhamos com representantes de várias universidades. Os grupos mais interessantes que eu gostaria de compartilhar contigo são dois internacionais. Um deles chama-se Rigies Abya-Yala (Red de Investigadoras y Gestoras en Internacionalización Superior en Abya-Yala) é um grupo de mulheres investigadoras sobre o tema da internacionalização. Somos mulheres latino-americanas que investigamos o tema da internacionalização. Nós já fizemos o primeiro webinar internacional, estamos trabalhando conjuntamente para a construção de futuras publicações. Além disso, participamos do Colóquio de Gestão Universitária (CIGU) em Loja, no Equador, e participaremos do Colóquio de Gestão Universitária em Asunción no Paraguai. O outro grupo se chama Núcleo de Estudios e Investigaciones en Educación Superior del MERCOSUR (NEIES) decorrente de um financiamento que vem do Mercosul Educativo. Somos um grupo de oito ou dez instituições de ensino superior da Argentina, Paraguai, Chile e Brasil que estudaremos as questões relacionadas à internacionalização do currículo em casa. São grupos de pesquisa internacionais dos quais eu já faço parte da equipe de pesquisadores.

Mais uma novidade bem bacana, eu fiz a aula inaugural para o doutorado em Educação da Universidad Nacional Abierta à distância, da Colômbia. É a maior Universidade Aberta e a Distância da Colômbia. Assim que eu concluí a minha aula magna para este programa de Educação, eu recebi outros convites para integrar o Grupo de Investigação em Pedagogia e Didática do Currículo, que teve um início em 2020; para integrar a Rede Internacional de Pós-Graduação em Educação e, também, para fazer parte da Associação das Faculdades de Educação, da Colômbia. Portanto, três outros grupos internacionais dos quais eu devo fazer parte. E teremos mais novidades, em breve!

Entrevistadoras:

Poderia nos falar um pouco mais sobre a relevância da Internacionalização da Educação Superior.

Entrevistada:

Hoje mesmo, na Conferência para os dirigentes das instituições membro da Rede Latino-Americana de Cooperação Universitária (RLCU), eu comecei falando sobre isso. Tudo começa com o porquê e as instituições têm que saber o porquê elas querem se internacionalizar. A Doutora Jocelyne Gacel-Ávila coloca sempre que a internacionalização é uma resposta ao fenômeno da globalização. Mas eu acho que temos outros aspectos ainda mais relevantes. Focar no indivíduo, pensar que uma experiência internacional modifica o seu entendimento de mundo. Eu estou sempre trabalhando com três grandes pilares que entendo como fundamentais para podermos compreender a internacionalização.

Você tem definições em nível institucional, que tem um olhar voltado para a gestão. Eu vou focar na internacionalização do indivíduo, do cidadão. Um primeiro pilar é exatamente a questão da consciência planetária: precisamos entender quais são os limites do planeta, os nove limites planetários e que precisam estar alinhados com os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS). Temos que ter consciência planetária de que não estamos sozinhos neste planeta e que temos que entender o que está acontecendo no mundo hoje. Com Israel? O que que está acontecendo na faixa de Gaza? Em que isso interfere? De que forma me atinge? A guerra na Ucrânia com a Rússia? Essa consciência planetária, que nos ajuda a compreender as questões de cidadania global. Entender quais são as políticas globais, como é que está o novo cenário, como é que está a geopolítica, como é que está a geopolítica do conhecimento, a diplomacia do conhecimento, para poder também entender essas questões. E, também, refletir sobre o terceiro ponto, obviamente, que é a questão da competência intercultural, entender o que os outros pensam, como agem e que se comportam de outra maneira. Não existe uma cultura melhor do que a outra. Elas são apenas diferentes e por serem diferentes é que nós precisamos ter o respeito, acolhimento, flexibilidade e tolerância.

Em uma das conferências, uma pessoa perguntou, mas como assim? Como é que você pode avaliar tolerância? Como é que você mede tolerância? Bom, basta vermos o que está acontecendo todos os dias. As intolerâncias que surgem com relação à raça, à cultura, à

religião etc, Como é que podemos trabalhar esses conceitos com os nossos alunos, por meio de uma experiência internacional, seja ela presencial ou virtual? Especialmente porque agora nós temos todos esses modelos híbridos de internacionalização, mas a questão é, traga essas discussões para dentro da sala de aula, para a formação da cidadania global. O conceito de cidadão global, de consciência planetária e de competências interculturais, são os três pilares que nós temos que observar no momento que falamos de internacionalização.

O olhar da gestão vai passar muito pela questão das estratégias. Temos que ter estratégias programáticas e estratégias administrativas e uma depende da outra. Se queremos ter, por exemplo, internacionalização de currículo (IoC), oferta de mobilidade virtual (Virtual Exchange), programas Collaborative Online International Learning (COIL) ou a mobilidade híbrida, temos que pensar em estratégias programáticas e administrativas adequadas. Temos que ter um plano estratégico para essas questões, precisamos de recursos, infraestrutura, potencial tecnológico, plataformas de alta velocidade, assim por diante, mas também o olhar focado no desenvolvimento de conteúdos e de programas. Os dois se complementam, o olhar da gestão pensando na internacionalização, mas com olhar para a formação da cidadania global. Formar cidadãos que sejam mais compreensivos da situação deste planeta.

Entrevistadoras:

Quais são os desafios atuais da internacionalização na educação superior?

Entrevistada:

Vamos falar de obstáculos e de tendências. Primeiro, a questão dos maiores obstáculos que podemos analisar e depois vamos falar um pouquinho de tendências. Um dos obstáculos mais importantes que ainda temos que enfrentar, principalmente nós brasileiros, é a barreira do idioma. Ah, mas todo mundo estuda inglês! Não, não é todo mundo que estuda inglês. Nós temos uma dificuldade muito grande. O British Council fez um estudo e verificou que menos de 5% dos brasileiros fala algum idioma e menos de 1% fala o idioma inglês. Nós temos uma dificuldade muito grande a ser superada e temos que lembrar também do choque de gerações. As primeiras gerações totalmente globalizadas estão vindo agora, que estão com seus 20 ou 25 anos e estão ingressando na educação superior. De que globalização estamos falando? De que internacionalização estamos falando?

O segundo ponto que considero fundamental para a internacionalização e para a educação superior é a disparidade da qualidade, ou seja, nós, principalmente em termos de América Latina, temos desníveis de qualidade muito grandes. Nós temos universidades muito bem posicionadas e universidades muito mal posicionadas nos sistemas de avaliação e nos rankings. A qualidade da educação superior é fundamental no momento que você quer pensar em internacionalização.

O terceiro ponto que eu coloco como obstáculo para a internacionalização é a pouca produção na área investigativa e as nossas inovações são limitadas. Principalmente os pesquisadores brasileiros, latino-americanos e vamos pensar com relação ao mundo todo, a

nossa produtividade é pequena. Nós publicamos e pesquisamos, mas quando publicamos, publicamos em língua portuguesa. Obviamente, isso impacta negativamente para a ciência internacional, pois poucos nos lêem. A partir disso, nós teríamos que melhorar muito a questão da nossa produção, da nossa qualidade e, obviamente, do impacto. Nós temos que produzir textos inovadores, conceitos inovadores, plataformas, guias, manuais, ou seja, produtos inovadores, resultados das nossas investigações. Tenho a percepção de que estamos produzindo mais do mesmo. Destaco que existem teses de doutorado fantásticas, muitas das quais eu tenho sido membro de avaliação. Eu tenho participado de muitas bancas de mestrado e de doutorado. A minha pergunta é sempre a mesma: “Qual é a sua entrega? O que você está entregando para a sociedade?” Muitas vezes nem o próprio doutorando sabe. Enquanto membro de banca de avaliação, tento auxiliar, realizando estas perguntas, do pensar por que estudar as políticas de internacionalização? Para quê? O que que você pretende entregar para a sociedade? É um novo documento que orienta como fazer políticas de internacionalização? Você pretende escrever um guia, um manual, normas, ou seja, o que será entregue para a comunidade científica? Caso contrário é mais uma tese que vai para o banco de teses e lá fica.

As barreiras do idioma, a questão da produção em línguas estrangeiras, da investigação e da necessidade de sermos mais inovadores coloquei como dificuldade para a internacionalização. Mas, há ainda a questão da instabilidade política e da corrupção, principalmente na Latino América. Nós temos isso como marcas muito fortes. Essa instabilidade política na gestão das instituições, na maioria das vezes, interrompe todo o processo de internacionalização em curso. Muda o reitor, muda a equipe. Todo o processo de internacionalização sofre, pois é fortemente impactado. Para essa sequência de entraves nós teremos que aprofundar um pouco mais.

Outro elemento, é que nós temos uma fragilidade política de vistos e de imigração. As universidades não têm clareza quanto às políticas de acolhimento para os estudantes internacionais e para os imigrantes, para os refugiados. Ainda não sabemos como lidar muito bem com isso. É uma fragilidade que nós temos que observar e nos prepararmos melhor, pois o processo é irreversível.

Diferenças culturais e diferenças de adaptação, isso sempre esteve presente. A questão relevante que deve ser abordada é a da inclusão. Fico muito impactada quando, um aluno africano relata que sai do Brasil muito feliz com suas conquistas, conclui a graduação, como o caso do estudante de arquitetura, que acabou de receber o diploma. Ele diz: saio feliz, mas ao mesmo tempo triste. Estive no Brasil durante quatro anos e saio sem conhecer a casa de um brasileiro, todos os meus amigos são africanos ou são estrangeiros. Qual o significado disso? Isso significa que nós estamos abrindo as portas das nossas universidades para a internacionalização, estamos pensando em inclusão, mas essa inclusão significa exclusão. Na verdade, não estamos incluindo os estudantes internacionais numa proposta em que ele se sinta íntegro, partícipe, que tenha envolvimento em ações locais e que desenvolva vínculos com as pessoas e com as atividades da universidade e da comunidade.

O outro elemento que eu considero fundamental é a nossa falta de protagonismo em coordenar redes de Cooperação Internacional. Nós somos sempre espectadores. Nós ficamos passivos esperando que nos convidem para algum projeto. Disso, a comunidade europeia reclama muito. Os grandes organismos internacionais perguntam por que os brasileiros não avançam na solicitação de recursos internacionais. Porque nós não somos mais ousados, em procurar os parceiros, escrever os projetos, ou sinalizar: eu tenho um projeto, estou procurando parceiros? No Brasil, considerando as 2.600 instituições de ensino superior, a captação de recursos centraliza-se nas IES federais e mesmo nas federais, há pouquíssima parcela de recurso internacional. Portanto, este é outro elemento que entendo que podemos melhorar muito para avançarmos no processo de internacionalização.

Para finalizar, temos o acesso limitado à tecnologia e à infraestrutura digital. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) fez um estudo e diz que 42% da população brasileira não tem acesso à Internet ou quando tem, tem que “subir numa árvore” para conseguir captar o sinal. Nós ainda temos uma fragilidade muito grande, não só de acesso, mas do uso das tecnologias. Os laboratórios estão cheios de computadores, mas as pessoas não sabem como utilizar todo o seu potencial. E diante disso, temos ainda que pensar sobre a questão que eu considero central da internacionalização: a formação de professores. Os professores ficaram totalmente a parte do processo de internacionalização. Os estudantes viajam, os pesquisadores viajam, mas o professor que atua na sala de aula ficou esquecido. Destaco que fiz uma Conferência em uma universidade brasileira e o tema era: Como internacionalizar a minha sala de aula? A comunicação foi feita para mais de 1000 professores. Você está internacionalizando sua sala de aula? O que o professor da sala tem a ver com isso? O professor é a peça que liga a internacionalização com os estudantes. Se você promover a internacionalização na sua sala de aula, o seu estudante vai ficar sensibilizado. Agora, se ele não souber que tem bolsa de estudos, que tem intercâmbio, que existem programas no Exterior, se você não discutir internacionalização dentro do seu currículo e trazer elementos internacionais, o seu aluno nem vai saber das oportunidades que estão disponíveis. Ele vai ser um engenheiro, vai trabalhar nos frigoríficos da região e não vai saber que no dia que ele vender uma grande exportação de carne para os países árabes, por exemplo, ele não pode fazer os cortes de carne sem considerar as questões relevantes para os árabes. Ele tem que ter o respeito, tem que contar com a presença de um Muçulmano, ou seja, as universidades têm que preparar profissionais para o mundo e quem faz isso é o professor, que exerce papel central nesse cenário.

Entrevistadoras:

Que recado gostaria de apensar a sua entrevista?

Entrevistada:

As nossas tarefas de casa? Temos muito que fazer. Melhorar o preparo tecnológico, melhorar o nosso entendimento para as questões globais, melhorar o nosso entendimento com relação à internacionalização. Quando eu digo “nosso”, refiro-me a academia como um

todo, em que os professores e os pesquisadores sejam capacitados, que os gestores sejam sensibilizados e os alunos ouvidos, com relação às suas necessidades e interesses. Em minhas conferências faço uso da seguinte reflexão: 'A internacionalização não é um departamento, é um comportamento. Toda a instituição tem que respirar a internacionalização.

Editores de Seção: Rodrigo Pivetta Werlang, Maria de Lourdes Pinto de Almeida